

SÃO SEBASTIÃO DO RIO DE JANEIRO

a formação de uma cidade

O filme sobre a conquista de uma utopia

PRESSBOOK

PÁPRICA DESIGN • FOTO IVY GONZALEZ



PATROCÍNIO



LOJAS AMERICANAS

americanas.com



APOIO



SIND RIO Sindicato de Hotéis
Bares e Restaurantes

visit.rio



PRODUÇÃO E DISTRIBUIÇÃO



SÃO
SEBASTIÃO
DO
RIO
DE JANEIRO
a formação de uma cidade

PRESSBOOK

SÃO SEBASTIÃO DO RIO DE JANEIRO • A FORMAÇÃO DE UMA CIDADE

Tempo de duração 90 minutos

Gênero Documentário

Classificação Etária Livre

Período retratado Ano de 1565 aos dias de hoje

Trailer oficial <https://vimeo.com/164300780>

• Estreia nos cinemas de Rio e SP: 26 de maio, quinta-feira, com cópias legendadas em inglês

Ficha Técnica

Produção e Direção Juliana de Carvalho

Narração Leilane Neubarth

Montagem Mair Tavares e Tina Saphira

Texto Carlos Haag

Concepção Visual Antônio Cid e Mauro Heitor,

Direção de Fotografia Luiz Abramo, Antônio Luiz Mendes e Fernando Medeiros

Música Lucas Marcier e Fabiano Krieger

Pesquisa Iconográfica Patrícia Pamplona

Técnico de som Pedro Saldanha e Gabriela Damasceno

Edição de som Cauê Leal

Consultores Carlos Fernando de Andrade e José Pessoa

Fotografias Ivo Gonzalez

Coordenação de distribuição Carla Niemeyer

Projeto Gráfico Páprica Design • Ilana Braia e Beatriz Nascimento

Financeiro Iracema Supeleto

Material Educativo Bia A. Porto e Felícia Krumholz

Assessoria de Imprensa George Patiño e Nani Santoro

Assistente administrativa Juliana Valin

Estagiária Paula Muricy

Elenco

Depoimentos de Adilson dos Santos, Alba Zaluar, Augusto Ivan, Carlos Fernando de Andrade, Carlos Martins, José Antônio Nonato, José Pessoa, Lauro Cavalcanti, Marcio Roiter, Margaret Pereira, Milton Teixeira, Nei Lopes, Paulo Canedo, Pedro Rivera, Ruy Castro, Sergio Besserman, Sergio Cabral e Tania Andrade.

Produção e Distribuição Bang Filmes

Patrocínio

Secretaria Municipal de Cultura do Rio de Janeiro, RioFilme, Lojas Americanas, Americanas.com, Estácio, Statoil, BTG Pactual, Telespazio.

Apoio

Riotur - Visit Rio, Oi Futuro, SindRio – Sindicato de Hotéis, Bares e Restaurantes, IAB - RJ, IPHARJ - Instituto de Pesquisa Histórica e Arqueológica do Rio de Janeiro.

Sobre a Bang Filmes

Fundada em 1995 por Juliana de Carvalho, a Bang Filmes atua no mercado de audiovisual e cultura, idealizando e produzindo longas, documentários, exposições, livros e projetos culturais e educacionais, mantendo sempre o mesmo foco: o Brasil. De forma mais específica, a produtora promove um Bang Filmes acontece em HD, no ritmo digital. Nossas produções elaboram conhecimento com qualidade em todos os sentidos. Nossas imagens são captadas em alta resolução, permitindo assim a disponibilidade de nosso acervo para a criação de produções de terceiros e sua utilização nos mais diversos formatos, incluindo as tecnologias de exibição mais avançadas. Assim é a Bang Filmes, uma produtora de conteúdo que registra os encontros que formam um país. Criamos hoje em imagens, sons e palavras, o retrato do Brasil que vai ficar para o futuro. Desde o início de 2016, a Bang também é distribuidora de seus filmes.

Sobre Juliana de Carvalho

Nasceu em Juiz de Fora, Minas Gerais. Fundou sua produtora, a Bang Filmes e Produções em 1995, no Rio de Janeiro. Nesses 21 anos de trabalho como empresária do setor audiovisual, especializou-se na produção, direção e curadoria de projetos e eventos culturais, primeiramente centrada na área cinematográfica e a partir de 2012, também como editora de publicações impressas e digitais. Seu foco e estratégia de negócio atual é a produção de conteúdos que tratam de questões vitais relacionadas ao meio ambiente e à preservação do patrimônio cultural e artístico da cidade do Rio de Janeiro e Brasil. Os conteúdos gerados em processos de extensa pesquisa vêm se desdobrando em diversos formatos como filme documentários, exposições e aplicativos digitais. Seus principais filmes são: “Embarque Imediato”, de Alan Fiterman, com José Wilker, Marília Pêra e grande elenco, no qual assinou a coprodução e produção executiva do filme, “Diário de Tati”, de Mauro Farias, e “O Risco - Lúcio Costa e utopia moderna”, de Geraldo Motta Filho, em ambos responsável pela produção e produção executiva; e “Menino Maluquinho - o filme”, de Helvecio Rattón, no qual assinou a produção executiva.

O livro que deu origem ao filme

“São Sebastião do Rio de Janeiro – a formação de uma cidade”, com textos de Carlos Haag e fotos de Ivo Gonzalez, tem fotos contemporâneas inéditas e texto entremeado por

depoimentos de especialistas que reconstroem, juntos, os 450 anos de urbanismo da cidade de São Sebastião do Rio de Janeiro. Publicação de luxo e bilíngue (português/inglês).

SÃO SEBASTIÃO DO RIO DE JANEIRO • A FORMAÇÃO DE UMA CIDADE • 1ª edição 2014

Sinopse

A cidade de São Sebastião do Rio de Janeiro, fundada em 1565 entre os Morros Cara de Cão e Pão de Açúcar, capital do Brasil por 196 anos, é conhecida por seus encantos naturais e seu espírito libertário. Uma cidade fundada na paisagem que encarna como poucas o sonho da metrópole tropical. Este filme, “São Sebastião do Rio de Janeiro, a formação de uma cidade”, de Juliana de Carvalho, conta a história da formação dessa cidade, perseguindo seus vestígios arquitetônicos e reformas urbanas que a forjaram e ao povo que nela vive. O Rio de Janeiro é uma cidade tão cantada que seria possível contar a sua história somente através da música. O trabalho de Lucas Marcier e Fabiano Krieger, que assinam o crédito de “Música” nesse documentário, então, foi fazer uma seleção de obras musicais de diferentes épocas e autores, misturada com faixas in, que ajudasse a narração, marcando as mudanças de assunto e tornando a narrativa mais dinâmica, pontuando as emoções.

Sobre a trilha sonora

O Rio de Janeiro é uma cidade tão cantada que seria possível contar a sua história somente através da música. O trabalho de Lucas Marcier e Fabiano Krieger, que assinam o crédito de “Música” nesse documentário, então, foi fazer uma seleção de obras musicais de diferentes épocas e autores, misturada com faixas inéditas, que ajudasse a narração, marcando as mudanças de assunto e tornando a narrativa mais dinâmica, pontuando as emoções. Além de reforçar o texto, a trilha tem também uma função complementar, o que fica evidente na sequência de imagens de escolas de samba: a letra da canção “Estácio, Holly Estácio” (composta e interpretada por Luiz Melodia), fala do bairro que faz parte da região considerada o berço do samba, mas a música contrasta com as imagens por ter um estilo muito diferente do ritmo mais característico do carnaval carioca. A edição, inclusive, faz um efeito de câmera lenta para casar as cenas vistas com o andamento da música. Ouvir essa canção novamente e comparar suas características com o samba é um bom exercício de percepção musical.

Curiosidades sobre a realização do filme

Por Juliana de Carvalho, diretora:

1) Como surgiu a inspiração para publicar o livro SSRJ? O filme foi uma consequência natural?

A primeira ideia era fazer o filme. O livro veio a partir da rica pesquisa de conteúdo e de imagens que fizemos durante o processo. O livro acabou saindo primeiro e sendo a base do roteiro do filme. Esse trabalho de certa forma é inédito. Até então estes pedaços da história, nas áreas de meio ambiente, arquitetura, cultura, antropologia, história, entre outras, eram

restritos aos historiadores, aos antropólogos e não ao público em geral. As informações não estavam assim reunidas de modo que se pudesse ter uma visão geral de toda a história. Mas, claro, que, por falta de espaço, muita coisa ficou de fora.

2) O que aprendeu durante a produção dos dois, livro e filme?

Eu já conhecia muito dessa história. O que me surpreendeu foi que minha intuição estava certa. Existia uma grande história a ser contada. Moro aqui há 30 anos. Sempre visitava lugares inusitados na cidade como igrejas, monumentos, etc. Eu sempre enxerguei essa história, mas só agora tive a coragem e oportunidade de contá-la. Contar esse enredo através da linguagem de um documentário foi excelente e principalmente usando toda a tecnologia disponível. As pessoas ainda têm medo de trabalhar com imagens de arquivo, acham que é caro, tem um mito em cima disso. Mas a gente conseguiu desmistificar ao máximo isso. Gosto muito desse formato que mistura imagens de diversos tempos de um mesmo lugar.

3) Como foi o processo de seleção dos entrevistados?

A primeira lista de entrevistados foi feita pelo Carlos Fernando, que participa do filme e foi consultor de conteúdo. Procuramos escolher pessoas que estudaram e se debruçaram sobre o Rio de Janeiro em várias áreas. Desde gastronomia, costumes, urbanismo, arte, etc.

4) Houve algum recorte? Por exemplo arquitetônico, ambiental?

O recorte sempre foi contar a história do traçado urbanístico da cidade. Como a cidade se formou com tantos desafios: floresta densa, pouca área para se construir, charcos, pouca água doce. A cidade, o sítio natural, foram uma conquista do homem. Não foi um espaço físico fácil. Não foi simples a conquista de espaços, no mar, na floresta, em terra, nas montanhas. A cidade o tempo todo exige soluções e desafios urbanísticos. O filme foi um processo de 3 anos e meio. A computação gráfica demorou 1 ano para ser feita. A montagem durou 17 semanas interrompidas para novas filmagens e decupagens de texto e novos conteúdos. Realmente um trabalho de equipe.

5) Qual sua expectativa com a chegada do filme aos cinemas? o que diria para convidar o público?

Que o público se interesse e se sinta curioso por conhecer essa história. A produção foi difícil mas foi muito bem recebida por patrocinadores, estudiosos, etc. Para o público, eu diria que é fundamental o conhecimento da história da cidade. Sem ser uma coisa maçante, mas algo que te abre portas, no caso as portas para conhecer o Rio de Janeiro.

Por: Carlos Haag, responsável pelos textos do livro e do filme:

1) Como surgiu o convite para escrever os textos?

Minha mulher é muito amiga da Juliana. Eles trabalharam juntas em produção de filmes. Numa viagem que a Juliana fez para São Paulo, passamos uma boa tarde conversando

sobre o projeto e sobre o Rio, com vinho e, depois, café, rs. Vimos que tínhamos visões parecidas sobre a história da cidade e um amor comum por ela. Ela, generosamente, confiou em mim e me convidou para este trabalho tão importante. O mais interessante é que não havia uma história urbana do Rio completa. Claro que há muitos estudos de épocas históricas específicas, mas nada que fosse abrangente. Em especial, é sempre preciso lembrar de que se trata de uma visão muito particular do Rio, de como ele se desenvolveu a partir do seu traçado urbano e de como as escolhas feitas ao longo da história, seja para vencer a geografia, seja por vontade de um governante, determinaram a cultura, a política, a organização social, etc, da cidade. Mais do que política, o Rio é movido pela sua movimentação urbana, seja nos seus aspectos negativos ou positivos.

2) Como foi a pesquisa?

A pesquisa foi complexa. Não há histórias completas nesse viés urbano, como já disse. Assim, foi preciso buscar inúmeros estudos para, aos poucos, ir preenchendo as lacunas. A ideia foi fazer uma história contínua. Além disso, foi preciso encontrar sempre depoimentos orais que respaldassem o que eu estava contando. Trabalhei também com muitos documentos originais transcritos e livros antigos. Foi preciso conhecer a fundo a história, a política, a cultura, etc, para filtrar o que poderia explicar o desenvolvimento urbano. Apesar da qualidade boa do que existe, o Rio carece de estudos históricos mais aprofundados sobre a sua história, menos “folclóricos” e “saudosistas” e mais efetivos para explicar como a cidade virou o que é. Isso também foi um ponto importante: desde o primeiro capítulo a ideia foi que leitor entendesse que o Rio de agora não veio do nada ou é fruto apenas de movimentos recentes. O Rio de hoje nasceu no Morro do Castelo, nas políticas de exclusão da população, na opção pelo carro e na confiança de que ser a capital era uma garantia de sucesso para sempre.

3) Em quanto tempo escreveu tudo?

Foram cerca de três meses, incluindo pesquisa e escrita final, uma maratona.

4) Alguma curiosidade chamou sua atenção durante o processo?

Acho que, voltando ao assunto, foi realmente essa continuidade de determinados temas, da colônia até agora. Também foi interessante perceber como a questão de ser a capital influenciou em muito a construção de um determinado tipo de cidade. Como, apesar do senso comum, o Rio foi se desenvolvendo sempre a partir de projetos e não naturalmente. E, acima de tudo, como o Rio não é uma cidade natural, apesar da sua beleza. A natureza carioca foi sendo moldada pelo homem e o que vemos hoje é, na verdade, o resultado da ação humana sobre a paisagem. O Rio é uma construção humana mais do que natural.

Por: Patricia Pamplona, responsável pela pesquisa iconográfica:

1) De onde partiu seu trabalho de pesquisa iconográfica? Você recebeu algum briefing?

A primeira conversa que tive com a diretora, quando o filme ainda era um projeto, lembro

dela falar sobre o desejo de retratar a cidade do ponto de vista urbano e da arquitetura. Havia uma pesquisa histórica, feita na pré-produção, em forma de linha do tempo, com indicações para a pesquisa iconográfica.

2) Que tipo de imagens privilegiou?

As imagens em movimento são sempre mais interessantes para um documentário do que as estáticas. Mas aí teríamos um problema histórico: a fotografia foi inventada em 1840, e o cinema quase cinquenta anos depois. Um filme sobre a formação do Rio de Janeiro precisa de toda iconografia disponível, principalmente nos primeiros séculos após o descobrimento, quando a pouca disponibilidade de informação sobre a colônia era quase uma decisão política de Portugal. Mapas e plantas da cidade entraram como material iconográfico. As plantas, algumas vezes, eram quase perfis da cidade, indicando não apenas as linhas geográficas (montanhas, ilhas e lagoas), mas construções urbanas, como as igrejas, os mosteiros (naquela época com bastante importância política), as vilas de moradores, os fortes, os cais e etc.

3) Fez algum recorte dos períodos históricos?

Dividi a pesquisa por séculos. Dos três primeiros, fiz planilhas com descrições mais detalhada de cada imagem, algumas curiosidades. Sobre os séculos seguintes, não seria possível, pelo volume de imagem. O Rio de Janeiro foi a cidade mais fotografada do mundo no século XIX. Mais fotografada do que Paris. O material no século XIX é gigante. A vinda da família real, no início desse período, sem dúvida contribuiu para as transformações urbanas da cidade e para os diversos registros iconográficos (óleos, aquarelas, xilogravuras...) e fotográficos.

4) Onde e quais foram suas fontes de pesquisa?

“Iconografia do Rio de Janeiro”, de Gilberto Ferrez, foi a principal fonte secundária. Há informações preciosas sobre os séculos XVI, XVII e XVIII. Este foi o ponto de partida. A partir dele busquei as fontes primárias dos acervos, não só no Brasil, mas no exterior. Os acervos públicos do Brasil, como a Fundação Biblioteca Nacional e o Arquivo Nacional, são maravilhosos. As décadas de sucateamento não foram suficientes para arrefecer o ânimo dos funcionários, que trabalham e ajudam o pesquisador com uma dedicação pouco vista no setor privado. A Biblioteca Nacional de Portugal e da França foram fontes de pesquisa também. Os acervos estrangeiros (França e Estados Unidos principalmente) foram uma fonte muito rica de imagens em movimento do Rio de Janeiro no início do século XX. O Arquivo Nacional francês têm imagens incríveis da nossa cidade.

5) Alguma curiosidade sobre a cidade que mais a impressionou?

1) A escassez de imagens e mapas no primeiro século após o descobrimento pode ser justificado tanto pela falta de interesse da Coroa pelas novas terras, quanto pela vontade política de esconder o ouro, literalmente. Mapas e iconografia divulgava a colônia de uma maneira que os portugueses não tinham interesse. Alguns mapas do início do século XVI são de franceses. A primeira iconografia é de 1550.

2) Algumas das mais interessantes imagens em movimento da cidade no início do século XX estão em arquivos estrangeiros.

3) Alguém poderia perguntar porque enquanto a Europa produzia Monalisa e outras obras do Renascimento, o Brasil, durante o mesmo período, o século XVI, produzia basicamente xilogravuras e buris? Bem, André Thevet, Jean Cousin e Hans Staden, os primeiros a produzirem a iconografia carioca (ou brasileira), utilizavam as imagens para ilustrar livros. Xilogravura e buril eram basicamente as únicas imagens capazes de serem reproduzidas em papel, naquele tempo.

4) A importância econômica ou política de determinada área da cidade pode ser medida pelo número de fotografias, filmes ou pinturas. Praça XV foi o local escolhido para a primeira fotografia, um daguerreótipo na verdade. Em 1906, a Avenida Central foi um dos mais fotografados. A praia de Copacabana foi retratada à exaustão nas décadas de 1930 a 1950. Ipanema hoje é o local preferido. O Centro perdeu importância política com a construção de Brasília.

Por: Mauro Heitor e Antônio Cid – responsáveis pela concepção visual:

1) De onde partiu o conceito da concepção visual do filme?

O roteiro do filme está subdividido em bolsões temáticos e cada bolsão tem uma animação contendo fotos, ilustrações e elementos de época, superpostos em camadas de forma a criar um novo quadro. No entanto, o cerne da concepção visual ao meu ver, está na presença espalhada ao longo do filme, das maquetes em 3 D e na extensão da pesquisa feita para a atingir o resultado que queríamos com o orçamento que tínhamos.

2) Houve alguma parte mais difícil?

As maquetes em 3 D.

3) Alguma curiosidade sobre o trabalho?

O trabalho despertou uma curiosidade. Um desejo de conhecer mais. Conhecemos muito pouco da nossa história. Hoje é ontem. Isso está presente na edição do filme.

4) O que diriam ao público para estimular a presença nos cinemas?

Vale ver. É emocionante!

5) Alguém já havia construído uma maquete digital da cidade do Rio? Ou parecido com isso?

Sim, algumas. A maioria são maquetes contemporâneas e bastante técnicas usadas para explicar andamento de obras ou de publicidade. Existe uma maquete digital histórica, com um viés próximo ao nosso. Está exposta no Museu Histórico Nacional, acredito que ainda está lá. Nosso trabalho em relação as maquetes cumpre uma função cinematográfica, proporcionando um clima específico e uma dramatização.

RELEASE

Documentário conta a história da cidade do Rio de Janeiro

“São Sebastião do Rio de Janeiro – A formação de uma cidade”, produzido pela Bang Filmes, do Rio de Janeiro, estreia em maio nos cinemas

Rio de Janeiro, abril de 2016 - “A minha alegria atravessou o mar e ancorou na passarela, fez um desembarque fascinante no maior show da terra”. Com os versos de “É hoje o dia”, samba enredo da Escola União da Ilha no carnaval de 1982, a jornalista e apresentadora de TV Leilane Neubarth narra o início do documentário “São Sebastião do Rio de Janeiro - A formação de uma cidade”, dirigido e produzido por Juliana de Carvalho, da Bang Filmes & Produções.

O documentário de 90 minutos conta a história dos 450 anos da cidade do Rio de Janeiro, pela ótica da evolução de seu urbanismo, através de ricos depoimentos de especialistas e de imagens, narração, iconografia inédita e computação 3D.

A história da formação urbana da Cidade Maravilhosa é tratada como uma personagem, perseguindo os vestígios arqueológicos de seus primeiros habitantes, das lutas travadas na conquista desse espaço, dos grandes acontecimentos históricos que aqui se forjaram, das reformas e intervenções urbanas que moldaram o desenho de cidade e a alma do povo que nela vive.

“Nossa opção foi fazer um filme que narra a história do Rio através do ponto de vista geográfico, todos os depoimentos colocam o Rio como protagonista. É uma viagem no tempo. Em uma hora e meia o público passeia pelos 450 anos e vê, através das imagens e dos depoimentos, como esta cidade se expande e evolui. Como na história do Rio há episódios riquíssimos, é muito fácil se desviar do foco. Então, optamos pelo viés urbano”, explica a cineasta mineira Juliana de Carvalho, que adotou o Rio como cidade para viver e trabalhar e também faz projetos de audiovisual em escolas municipais e produz livros sobre a cidade.

O documentário foi patrocinado pela Lojas Americanas, Americanas.com, BTG Pactual, Statoil, Estácio, RioFilme e Secretaria Municipal de Cultura do Rio de Janeiro.

Durante o filme, imagens antigas e outras feitas nos dias atuais com utilização de drones, barco, helicóptero e câmera-car, explicam como o povoado carioca surgiu até se tornar a “cidade partida” dos dias de hoje. Para ilustrar o passado há também fotos e trechos de filmes, obtidos em arquivos de cerca de 30 instituições do Brasil, França e Inglaterra, além de uma maquete 3D que ilustra a evolução da ocupação do Rio.

Personalidades e especialistas em diferentes áreas como Ruy Castro, Sergio Cabral, pai, Milton Teixeira, Tânia Andrade, Alba Zaluar, Sergio Besserman, Carlos Fernando de Andrade, Augusto Ivan, entre outros, ajudam a contar, a partir de seus pontos de vistas, histórias sobre a cultura, o meio ambiente, a arquitetura e o urbanismo da cidade.

“O Rio de Janeiro não tem o bairro japonês, o bairro lituano, o bairro nordestino, porque no Rio todos os bairros são dos cariocas”, reflete Ruy Castro, em uma de suas intervenções no filme. Já o arquiteto Carlos Fernando de Andrade, consultor do filme, aborda o Aterro

do Flamengo em uma de suas falas: *“O Rio de Janeiro é uma cidade que se move muito, inclusive na sua geografia. Nesse contexto quando efetivamente termina o aterro, chamado Aterro do Flamengo, Affonso Eduardo Reidy já é o grande nome do urbanismo carioca na prefeitura do Rio de Janeiro, ainda prefeitura do Distrito Federal. A grande contribuição do Reidy aqui é como urbanista e como arquiteto. O Museu de Arte Moderna é uma das obras mais expressivas da arquitetura brasileira nesse momento. Temos o chamado edifício Ponte onde existe um vão livre formidável que interliga o parque e a baía,”* recorda Andrade. Outro destaque do filme fica por conta da bela trilha sonora, que funciona muito bem dividindo cada bloco e cada uma das temáticas do documentário. Entre as músicas, estão “Estácio, Holly Estácio”, de Luiz Melodia, “Favela”, interpretada por Francisco Alves, e “Sebastian”, dueto de Gilberto Gil e Milton Nascimento, que encerra o filme.

Músicas do filme:

- 1) “É hoje o dia” Autores: Didi e Mestrinho (Trecho recitado)
- 2) “Cantos Gregorianos” Monges do Mosteiro de São Bento - Rio de Janeiro
- 3) “Quarteto Imperador” Autor: Joseph Haydn; Extreme Music
- 4) “Eponina” Autor: Ernesto Nazareth; Intérprete: Marcelo Caldi
- 5) “Minueto em A” Autor: Luigi Boccherini; Extreme Music
- 6) “Fon Fon” Autor: Ernesto Nazareth; Intérprete: Marcelo Caldi
- 7) “Soleil, fuis de ces lieux” Autor: Jean – Phillipe Rameau; Extreme Music
- 8) “Sinfonia nº 6 - Pastoral” Autor: Ludwig Van Beethoven; Extreme Music
- 9) “Não insistas, rapariga” Autora: Chiquinha Gonzaga; Intérprete: Fabiano Krieger
- 10) “Sapopemba e Maxambomba” Autores: Wilson Moreira e Nei Lopes; Intérprete: Zeca Pagodinho
- 11) “Concerto em D Maior para Trompete e Cordas - Allegro” Autor: Antonio Vivaldi; Extreme Music
- 12) “Favela” Autores: Roberto Martins e Waldemar Silva; Intérprete: Francisco Alves
- 13) “Até Amanhã” Autor: Noel Rosa
- 14) “Prelúdio” Autor: Edino Krieger; Intérprete: Andrei Uller
- 15) “Praça XI” Autores: Herivelto Martins e Grande Otelo;
- 16) “Estácio, Holly Estácio” Autor: Luiz Melodia; Intérprete: Luiz Melodia
- 17) “Rei de Janeiro” Autores: Jards Macalé e Glauber Rocha; Intérprete: Jards Macalé
- 18) “Sebastian” Autores: Gilberto Gil e Milton Nascimento; Intérpretes: Gilberto Gil e Milton Nascimento

REALIZAÇÃO BANG FILMES • PRODUÇÃO & DISTRIBUIÇÃO

Assessoria de Imprensa

George Patiño

t. (21) 98758-7282/ 2537-5132

Email: george.patino71@gmail.com

Nani Santoro

t. (21) 99855.1939 / 3324-5200

Email: nanisantoro@uol.com.br

Coordenação de lançamento

Carla Niemeyer

t. (21) 2537-8634 / 9 9999-9630

carlardeniemeyer@gmail.com

Sessões para Escola

Ivete - escola@cinespaco.com.br (11) 3266-5115

Juliana Valin/Paula Muricy

bang@bangfilmes.com.br (21) 2537-5132



Rua João Afonso, 46/ 201 • Humaitá
Rio de Janeiro • RJ • Brasil • CEP 22261-040



(55 21) 2537-5132



<http://www.bangfilmes.com.br>



juliana@bangfilmes.com.br



<http://www.facebook.com/saosebastiaodoriofilme>